

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DO OUTRO LADO DO ESPELHO
27 de agosto de 2022

THE CIRCUS / 1928

(O Circo)

um filme de Charles Chaplin

Realização, Argumento, Montagem e Música: (esta última, composta e gravada em 1968): Charles Chaplin / **Fotografia:** Roland Totheroh / **Assistente de realização:** Harry Crocker / **Assistente de Fotografia:** Jack Wilson e Mark Marlatt / **Direcção Artística e Cenários:** Charles D. Hall / **Assistente para a versão musicada:** Eric Rogers / **Direcção Musical:** Eric James / **Canção** (composta para a versão musicada): "Swing, Little Girl", música, letra e interpretação de Charles Chaplin / **Interpretação:** Charles Chaplin (O Vagabundo), Merna Kennedy (a Amazona), Harry Crocker (Rex, o equilibrista), Allan Garcia (o dono do circo), Henry Bergman (o velho palhaço), Stanley Sanford (o chefe da "troupe"), George Davis (o mágico), Betty Morrisey (a Mulher que desaparece), John Rand (um palhaço), Armand Triller (outro palhaço), Steve Murphy (o carteirista), Bill Knight (o polícia), Jack Pierce (o Homem que mexe as cordas), etc.

Produção: Charles Chaplin para a United Artists / **Início das Filmagens:** 11 de Janeiro de 1926 / **Interrupção da produção:** 5 de Dezembro de 1926 a 3 de Setembro de 1927 / **Fim das Filmagens:** 19 de Novembro de 1927 / **Estreia Mundial:** Strand Theatre, Nova Iorque, a 6 de Janeiro de 1928 / **Estreia em Portugal:** Cinema Tivoli, a 14 de Janeiro de 1929 / **Metragem Original:** 1980 metros / **Metragem da versão musicada:** 1960 metros / **Cópia:** DCP, preto e branco, versão sonorizada, com intertítulos em inglês, traduzidos eletronicamente para português, 72 minutos / **Estreia da versão musicada:** 1968 / **Estreia da versão musicada em Portugal:** Cinema Roma, 18 de Dezembro de 1969.

The Circus valeu a Charles Chaplin mais honrarias hollywoodianas do que qualquer dos seus outros filmes. Designado para os Oscars, no ano inicial da atribuição das famosas estatuetas (abrangendo filmes estreados entre 1 de Agosto de 1927 e 31 de Julho de 1928) **The Circus** foi consagrado com um Oscar especial, na primeira de todas as cerimónias de atribuição de prémios, efectuada em 19 de Maio de 1929. Para ser inteiramente exacto, não foi o filme que obteve o Oscar. Foi Charles Chaplin e a dedicatória da Academia sublinhava: "*A Charles Chaplin – pela versatilidade e génio com que escreveu, interpretou, dirigiu e produziu **The Circus***". Como sempre acontece em "prémios especiais", a honra foi dúbia. Nesse ano, os Oscars ainda não se deram a "melhores filmes" (a que só veio a acontecer para o ano 29-30) mas a "melhores produções" ou melhores "produções de qualidade artística". O júri hesitou tanto entre qual das categorias meter **The Circus**, que acabou por não o meter em nenhuma. Quanto a Chaplin, designado como "melhor realizador de comédia" e "melhor actor", foi duas vezes vencido: Lewis Milestone bateu-o na realização (com **Two Arabian Knights**) e Emil Jannings bateu-o como "melhor actor" (com **The Last Command** de Sternberg, **The Way of All Flesh** de Victor Fleming e **The Patriot** de Lubitsch).

O Oscar especial foi, assim uma "especialidade" para salvar a honra do convento. Ironia do destino: o outro Oscar especial foi para a Warner Brothers "*por ter produzido **The Jazz Singer**, um filme sonoro e falado que revolucionou a indústria cinematográfica*". Revolução, como se sabe, particularmente odiada por Chaplin e de que Chaplin seria uma das principais vítimas.

Mesmo assim, nesse ano de 28, a Academia não o esqueceu, como viria a suceder em 1931 (ano de **City Lights**) em 1936 (ano de **Modern Times**) e em 1947 (ano de **Monsieur Verdoux**). Não o esqueceu, é certo, em 1940 (ano de **The Great Dictator**). Mas com cinco designações (incluindo melhor filme, melhor actor e melhor argumento) não venceu em nenhuma, vencido por **Rebecca**, James Stewart e Preston Sturges. A Academia só emendou a mão em 1971, quando a América fez as pazes com Chaplin. E deu-lhe então o "oscar" honorífico "*pelo incalculável efeito que teve para tornar o cinema na arte, por excelência, deste século*". Quarenta e três anos depois de lhe ter falado de "génio", ao tempo deste **The Circus**...

Curiosamente, as razões que provocaram a crescente hostilidade dos americanos para com Chaplin (e de Chaplin para com os americanos) – hostilidade que foi surda na segunda metade dos anos 30 e ruidosíssima e declaradíssima na segunda metade dos anos 40 – está ligada a razões que começaram a ser badaladas entre o apoteótico êxito de **The Gold Rush** (estreado em Junho de 1925) e a estreia de **The Circus**, a 6 de Janeiro de 1928. Chaplin seria perigosamente subversivo (um "bolchevista"), Chaplin seria perigosamente libertino (um "depravado"). A história do "bolchevismo" (aliás, sempre negada por Chaplin, mas visível na sua franca simpatia pela URSS, ou no que outros chamavam "*filo-comunismo*") não era, à época, ainda coisa muito grave. Por um lado, antes da crise de 29 e depois do reconhecimento americano da URSS, a "ameaça comunista" ainda não era levada muito a sério. No fim dos anos 20, proliferaram mesmo, em Hollywood, as produções com acção na Rússia revolucionária (filmes de DeMille, de Sternberg, de Lubitsch, de Walsh, etc.) quase todos assaz compreensivos para as boas razões da Revolução de 17, embora assaz críticos para os novos senhores. Em nenhum deles, falta o "revolucionário puro", aliás, quase sempre, uma "revolucionária". Além disso, a Rússia estava na moda entre os artistas e intelectuais. Os Ballets Russos, as *tournées* de Stanislavsky, os filmes de Eisenstein, espalhavam a ideia de uma criação florescente e vanguardista, em tudo oposta ao conformismo dos países "capitalistas". Achava-se bem natural que um artista como Chaplin tivesse o coração virado para esse lado, tanto mais que do lado contrário – o lado da carteira – se conduza como os "melhores" milionários americanos. Enquanto fosse um tal símbolo do *american way of richness*, não viria dele, certamente, qualquer mal aos ricos como ele.

A história da "depravação" já fez correr mais tinta, mas Chaplin aguentou-a com habilidade e salvou-se de histórias que já tinham feito rolar muitas cabeças quase tão célebres como a dele.

Foi o caso que, durante a preparação de **The Gold Rush**, Chaplin sucumbiu novamente aos encantos de uma *teenager*. Como já tinha sucedido com a primeira mulher (Mildred Harris, 16 anos) Chaplin foi "apanhado" na sua ligação com Lita Grey, a rapariga a quem confiara o papel de "anjo da tentação" em **The Kid**. Nessa altura, tinha 12 anos, embora no filme pareça muito mais velha e muito mais sabida. Quando começou o *affair* com Chaplin, tinha 15. E, de novo (a história repetiu-se) lhe apareceu um belo dia a dizer que estava grávida. A mãe dizia que a punha fora de casa, a avó ameaçava o sedutor com uma pistola, o tio era um conhecido advogado de São Francisco. E a lei previa vinte anos de cadeia para quem seduzisse menores. Mais uma vez, Chaplin não teve outra saída. A 25 de Novembro de 1924, casou com Lita Grey. A 5 de Maio de 1925 (exactamente um mês antes da estreia de **The Gold Rush**, que Lita Grey não chegou a protagonizar) nasceu Charles Chaplin Jr., o primeiro dos dez filhos que chegaram à idade adulta (do seu casamento com Mildred Harris, tinha nascido um rapaz que morreu aos três dias). Nascimento que foi mantido secreto, para que as más-línguas não fizessem contas e oficialmente adiado para 28 de Junho, mesmo assim sob o signo do "prematureo".

Se até ao nascimento do bebé, o casal manteve algumas aparências, depois deste e da estreia de **The Gold Rush**, tudo se transformou num inferno. E se Mildred Harris já não fora pêra doce, Lita Grey foi muito pior. Um outro filho – Sidney Chaplin – que viria a ter certo nome como actor (estreia em **Limelight**) nasceu a 30 de Março de 1926. No fim desse ano, Lita pediu o divórcio, mas com o maior escândalo possível. Além de o acusar de ter um rol de amantes (entre elas,

Marion Davies, Pola Negri, Edna Purviance e Merna Kennedy, a protagonista de **The Circus**) trouxe à luz do dia os gostos de Chaplin no escuro do quarto. Nesses tempos, havia coisas que, mesmo entre marido e mulher, eram consideradas crimes. Todas elas foram pormenorizadas por Lita.

Milagrosamente, porém, as acusações não deram o efeito esperado. Se Chaplin temeu (e por causa do processo interrompeu **The Circus** e se isolou do mundo) a "opinião pública" não ligou muito, aos que os jornais chamaram "*The Complaint of Lita*". Algumas ligas de mulheres pediram o boicote aos filmes do "degenerado", nalgumas cidades o boicote funcionou. Mas pôde mais um manifesto em defesa de Chaplin, assinado por nomes como Aragon, René Clair ou Man Ray. E, quando o Autor voltou à superfície, a melhor sociedade de Los Angeles abriu-lhe os braços. Em Agosto de 1927, após dois anos e meio de casamento e com **The Circus** sempre interrompido, o tribunal concedeu a Lita o divórcio, tinha ela apenas 19 anos. O único motivo retido foi a costumeira "crueldade mental". E para se ficar por aí, Chaplin teve que pagar a Lita um milhão de dólares, a maior soma até então paga, na América, num processo de divórcio.

Quem tem tudo isto a ver com **The Circus**? Diz-se que tem muito, pois nunca Chaplin demonstrou tanta agressividade e tanta amargura num filme. **The Circus** – a obra de Chaplin em que o Vagabundo é mais mal tratado – é o exemplo predilecto de todos os críticos que têm sustentado que, sob o melodramatismo dos seus filmes, se oculta uma profunda crueldade e um enorme ressentimento contra a espécie humana.

Pessoalmente, julgo que há nessas análises muito exagero. Se o filme é bastante pessimista (e bastante misógino) talvez a razão esteja menos nas peripécias pessoais do autor durante a rodagem do que no modelo que obviamente o inspirou. E esse modelo é o filme alemão de E.A. Dupont, **Variété**, obra de 1925, estreada na América em 1926, com enorme impacto. Sabe-se que Chaplin ficou enormemente impressionado com essa obra e a "linha de fundo" é idêntica. Em **Variété**, o palhaço do circo (como na ópera de Leoncavallo) descobria que a mulher o enganava com um acrobata e acabava por a estrangular. Obviamente, Chaplin não podia ir até esses excessos num filme em que o público tinha que rir. Mas a amazona, que tanto ama, pouco repara no amor dele e troca-o facilmente por um acrobata. É o primeiro filme de Chaplin, desde 1918, em que não há qualquer *happy end*, real ou sonhado. No fim, altruisticamente, Charlot limita-se a ajudar a fuga da Amazona com o seu rival, ficando sozinho e destroçado. O *funny man*, é no final, um homem bem desesperado. E nem sequer, como no futuro **City Lights**, a mulher toma consciência de quão amada fora. Merna Kennedy nunca se apercebe de que tudo o que Chaplin faz, o faz por ela e por causa dela. Também para ela, ele não passou de um *funny man*.

Funny man que não é *funny* por vontade ou talento, mas pela força das circunstâncias. Se põe o circo a rir (e os espectadores do filme) é porque não sabe que está a representar. É ele quem dá vontade de rir, e não o actor. Como diz o pai da rapariga: "*Que ele nunca descubra o sucesso que faz*". E os *gags* mais célebres deste filme (Charlot na corda bamba, Charlot atacado pelos macacos, Charlot na jaula dos leões) são – todos – *gags* que correspondem à maior aflicção do personagem, enfrentando situações inesperadas que não previu e de que não sabe como se desembaraçar.

Em **The Circus**, tudo e todos são hostis a Charlot e tudo e todos se encarniçam contra ele. Charlot tem que lutar sempre. Lutar pela comida (é nessa luta que se apaixonava pela cavaleira), lutar com os números mais difíceis (o número de Guilherme Tell), lutar com os animais, inclusive com os mais cómicos (os macacos). Charlot é sempre a vítima, o alvo, aquele que, mesmo quando triunfa, permanece alheio ao seu triunfo. Insistentemente, volta-se à situação inicial, o que dá também a **The Circus**, como tem sido sublinhado, uma estrutura de pesadelo.

Comecei pela biografia, terminei por ela. Como não pensar que, regressando ao tema do circo (e como artista de circo iniciara Chaplin a sua carreira ao tempo em que era pobre e tinha fome),

voltassem, a Chaplin, as memórias, certamente pouco agradáveis, dos seus primeiros tempos e das humilhações que sofrera? Para Chaplin, o circo não devia estar associado a nenhum onirismo (como em Fellini, por exemplo) mas ao máximo de realismo.

Foi isso, sobretudo, que ficou em **The Circus**. É uma obra que tem das melhores coisas de Chaplin? Sem dúvida e, para além da famosa sequência com os macacos, vejam com atenção a não menos famosa sequência do espelho. Mas, de todas as suas longas-metragens, é a mais despedaçada. Despedaçada, pelo destino do Vagabundo, despedaçada pela sua insólita construção, onde a figura de repetição substitui a habitual tendência elíptica de outros filmes de Chaplin. **The Circus** sempre me pareceu um filme com "coisas a mais" ou com "coisas a menos". Mas fico sempre sem saber quais são umas ou quais são outras. E sem saber se a estranheza que sinto provem do facto de todas as personagens (humanas e animais) se alhearem tão depressa de Charlot ou provem do facto de Charlot tão depressa se alhear delas. Mas não é o circo, um espectáculo, por essência, feito de variações e de acumulações e onde a unidade pouco conta? Prefiro despedir-me com esta última interrogação, para o mais interrogativo dos filmes de Chaplin. O mais obscuro, também.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico